

EDUCAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA E SEU SILENCIAMENTO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Letycia Stephane Amaral Barbosa¹

letyciabarbosa.065@gmail.com

Resumo

Este artigo¹ socializa resultados de pesquisa¹ de trabalho de conclusão de curso que teve como objeto o silenciamento da temática educação sexual na formação de professores. Partido do pressuposto de que o desenvolvimento da criança perpassa também a dimensão da sexualidade e, respectivamente, o autoconhecimento de seu corpo e os limites que devem ser impostos aos que os queiram ultrapassa-lo (seja com intenção ou por falta dela) buscamos na literatura disponível os apontamentos da necessidade formativa de professores em tal temática. Como resultados apontamos sim para este silenciamento, notadamente na formação inicial diante do que se propõe a criação e oferta de pelo menos uma disciplina de caráter obrigatório nos currículos dos cursos de licenciatura.

Palavras-chave: Educação Sexual; Infância; Formação de Professores.

Abstract

This article socializes research results of a course completion work that had as its object the silencing of the sexual education theme in teacher training. Based on the assumption that the child's development also permeates the dimension of sexuality and, respectively, the self-knowledge of their body and the limits that must be imposed on those who want to overcome them (whether with intention or lack of it), we searched the literature for notes on the training needs of teachers in this area are available. As a result, we point to this silencing, notably in initial training, in view of what is proposed to create and offer at least one compulsory subject in the curricula of undergraduate courses.

¹ Pesquisa desenvolvida no interior da linha de pesquisa Didática, Formação em Pedagogia e Educação Sexual – DiFES do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores – GforP – UFMS.

Keywords: Sex Education; Infancy; Teacher training.

1

Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL).

1 Compreendendo a Educação Sexual

É recomendável que a forma com que tratemos a educação sexual nas unidades escolares esteja pautada no princípio que as particularidades que os pequenos tragam sejam levadas em consideração, assim dizendo, não há uma “cartilha” para seguir (sexualidade) ou exatidão incontestável de como vive-la.

Uma educação sexual adequada deveria fornecer informações e organizar um espaço onde se realizariam reflexões e questionamentos sobre a sexualidade. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre a condição histórico-social em que a sexualidade se desenvolve. Deveria também ajudar as pessoas a ter uma visão positiva da sexualidade, a desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais, a elaborar seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreender melhor seus comportamentos e o dos outros e a tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual. Acreditamos que essa postura crítica é fundamental para a formação de atitudes preventivas e saudáveis sobre a sexualidade. (MAIA, RIBEIRO, 2011. p. 79).

Deterá como alicerce de maneira que haja uma diversidade de concepção pluralista da sexualidade, ou seja, no reconhecimento da multiplicidade de comportamentos sexuais e de valores a eles associados. É preciso considerar cada indivíduo em sua singularidade e inserção cultural, e partir da ideia que não há uma verdade absoluta sobre as concepções, atitudes e práticas de como viver a sexualidade.

O termo sexualidade, para com os seres humanos é algo complexo ao nos referir ao desenvolvimento da sexualidade, falamos da explicação de maneiras vivenciar o prazer do corpo em diferentes idades (FOUCAULT, 1999. p. 54 e 55).

Durante o século XIX, o assunto sexo e sexualidade eram dispostos em duas grandes linhas: a biológica (fadada a reprodução) e a médica (obedientes a regras de diversas vertentes). Não dizem a verdade sobre a sexualidade, pelo contrário, atribuem a coisas ruins, rotulando aos prazeres insólitos e pôr fim a morte, caso houvesse perseverança da prática.

Engana-se quem pensa que ao falar de Educação Sexual na Educação Infantil, é o mesmo que ensina-las a praticar sexo ou seus derivados. Longe disso, o que o docente propõe é a introdução do assunto, servindo como uma proteção.

Em outras palavras, mostra como identificar o que é “normal” em uma relação e o que “ultrapassa o limite”. Segundo (ODESSA, 2016. p. 513) “A criança não experimenta a vida sexual da mesma forma que o adulto, que alcança seu ápice e seu objetivo no ato sexual”. Na infância, o objetivo que a ES contempla é o que há de mais abrangente, visto que oferece pequenas doses de informações basilares para a construção de valores, habilidades e segurança em seus relacionamentos. Isso possui consequências benéficas para a criança, pelo fato de contribuir para seu bem-estar físico e mental.

Outra contribuição é aquela adquirida a longo prazo, ou seja, aprendendo sobre seu corpo, a criança cresce com um comportamento responsável ao tornar-se jovem/adulto, isto é, redução do sexo sem camisinha, e redução (almejando a erradicação) de comportamentos prejudiciais, tais como abuso, agressão e ofensas sexuais. (MOIZÉS; BUENO, 2010).

2 Sexualidade Infantil e Formação de Professores

O espaço pensado para a criança e as atividades que serão desenvolvidas, precisam ser voltadas tanto para os conhecimentos práticos (saber ler, realizar cálculos e saber escrever), quanto para aqueles contidos nos saberes cotidianos para a formação do cidadão crítico e reflexivo.

Estes são alguns dos motivos que Paulo Freire trouxe em um de seus livros, o que leva ao seguinte trecho: “Gostaria uma vez mais de deixar bem exposto o quanto aposto na liberdade, o quanto me parece fundamental que ela se exercite assumindo decisões” (FREIRE, 2001).

O(A) professor(a) ao longo de sua formação nota que aprendemos mais quando o ensino e aprendizagem é uma “via de mão dupla”, onde ambos, tanto o educador, quanto o educando, devem se situar em posições que viabilizem a reciprocidade de saberes (FREIRE, 2001).

É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está falado a fenecer; em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo” (FREIRE, 2001, p. 27-28).

Em outras palavras, o vínculo que o docente deve ter com a criança é de permiti-la tornar-se cada vez mais autônoma e consciente das relações que as cercam,

para que possam se conhecer, interpretar os signos e significados ao seu redor e diferenciar uma interação afetiva saudável de um gesto obsceno e abusivo, que viole sua integridade física e mental.

Por isso é tão importante que o docente tenha em mente que há prioridade em formar um sujeito apto a encarar as adversidades da vida em sociedade e como se impor diante de determinadas situações.

O docente está isento da obrigatoriedade de ser um especialista em ES, mas deve estar pautado de conhecimento acerca da sexualidade humana, criando contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de informação para tornar-se mediador de conhecimento (MOIZES; BUENO, 2010. p. 207).

A atuação docente requer cuidado, em especial com os pequenos. É saber como agir com eles de acordo com suas vivências e entender suas necessidades primárias, como podemos vislumbrar a baixo:

Conseguimos identificar os componentes dessa pulsão nos primeiros meses de vida do bebê. Suas fontes estão relacionadas às necessidades vitais como a alimentação e a excreção. Há um ganho prazeroso com a alimentação e a excreção, abstraem-se essas primeiras fontes e se transferem aos objetos do ambiente, que, em contato com as zonas erógenas, tornam-se fontes de prazer. O autoerotismo evolui para o amor objetal, cujas primeiras expressões já são perceptíveis no bebê — estão relacionadas com o ato de sugar na amamentação e são dirigidas à pessoa que cuida e amamenta. (ODESSA, 2016. p. 513).

Estas estão frequentemente relacionadas no que diz respeito a sexualidade, este é o desafio. Como evidenciado anteriormente, uma das primeiras zonas de prazer e desprazer que a criança sente, é a anal.

Como observamos, são plenos os direitos dessas crianças de obterem acesso aos serviços públicos e sociais, dentre eles, o desenvolvimento (mental, social, moral e de aprendizagem). Para alicerçar o que fora mencionado anteriormente, o Estatuto da Criança e do Adolescente trás também:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Art. 70. É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente. (BRASIL, 1990).

O fato de haver um “limite” de partes do corpo a serem pronunciadas, e quando ditas estão encharcadas de pudor. Isso reflete na percepção da criança de que talvez não seja assunto apropriado para ser tratado tanto em casa quanto na escola. Gera o princípio de que possa ser algo ruim ou que seja proibido conhecer determinada região de seu corpo.

A assexualidade da criança é um preconceito e, como todo preconceito, quanto mais antigo e infundado ele é, mais profundamente enraizado na consciência cultural da humanidade está (ODESSA, 2016. p. 512).

Neste aspecto, entende-se que a articulação dos responsáveis e a comunidade escolar, em “falar a mesma língua” com a criança, faz total diferença em seu desenvolvimento estudantil, físico, social e mental.

Os adultos em muitos casos possuem uma grande dificuldade de tratar desse assunto com as crianças pequenas que estão sob sua tutela/ guarda/ curatela uma vez que são frutos de casas onde o sexo e ou a sexualidade não eram postos a discussão.

O que o docente deve ter em mente é que não há para onde escapar, é necessário falar com a criança sobre o funcionamento de seu corpo e de como ele deve ser preservado.

Ao longo do presente observamos que a educação sexual infantil não deve ser vista como um tabu. O diálogo em casa, na escola e em outros espaços deve ser tratado com seriedade e de maneira natural, tanto que a temática é citada no fim da animação (desenho) He-man, onde ele e She-ha dialogam a cerca do corpo da criança, passando a seguinte mensagem:

She-ra e eu queremos falar com vocês sobre uma coisa muito pessoal, o seu corpo. Lembre-se, o corpo é seu e ninguém deve tocar em você de modo que sinta que está errado. É difícil para uma criança admitir que tenha sido incomodada por alguém. Se você for tocado deste modo, não se acanhe, conte para alguém de sua confiança como: seus pais, seu médico, a sua professora ou algum parente mais velho. (UM DESENHO ME DISSE, 2022).

Para tanto é de extrema importância a formação dos profissionais por intermédio da disciplina de Educação Sexual e em pé de igualdade é fundamental a atualização sobre esse assunto com palestras, congressos dentre outros proporcionados pelos ambientes escolares e acadêmicos.

No que se refere especificamente à formação de professores recorro a Santos (2005) que aponta a formação de professores como fenômeno complexo, multifacetado e delineado em uma etapa chamada inicial e outra chamada contínua.

Tomando como base o meu percurso formativo não tive acesso a temática da educação sexual em minha pré- formação, nem em minha formação inicial², o fiz por meio desta pesquisa e pretendo aprofundar em uma futura pós-graduação, ou seja, em minha formação contínua.

3 Considerações finais

Retomando o objetivo desta pesquisa percebo que há sim um silenciamento da temática educação sexual na formação de professores.

Diante disso sugere-se a criação e oferta de, pelo menos, uma disciplina que aborde o fenômeno e sirva de base para a construção de um conhecimento teórico prático que melhore a intervenção didática de professoras e professores junto às crianças da educação da infância.

Considere-se, ainda, que as ações ligadas à sexualidade que cada indivíduo experimenta desde o princípio de sua vida, são ligadas aos elementos basilares do processo que chamamos educação sexual e esta deve colaborar para o desenvolvimento do autoconhecimento e também para evitar que as crianças sejam vítimas de abusos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 13ª edição. 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1226/foucault_historiadasesexualidade.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2022.

² A matriz curricular do curso de licenciatura que cursei não tinha nenhuma disciplina na área da educação sexual e o tema não foi abordado em nenhuma das disciplinas que versaram tanto sobre infância quanto sobre a atuação docente com a infância.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição. Paz e Terra. São Paulo, 2001.

BRASIL. **Lei Federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispões sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em:
<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em 28 de maio de 2022.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. **Educação sexual: princípios para ação**. doxa, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011. Disponível em:
<https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=o+que+%C3%A9+educa%C3%A7%C3%A3o+sexual&btnG=>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

MOIZES, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da escola de enfermagem**. USP, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 205-212, Mar 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100029&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 maio de 2022.

ODESSA, Mosche Wulff. Contribuições para a sexualidade infantil. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 512-526, Setembro. 2016. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142016000300512&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 de maio de 2022.

SANTOS, Valdeci Luiz Fontoura. **Formação contínua em serviço: construção de um conceito a partir do estudo de um programa desenvolvido no município de Andradina –SP**. 2005. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

UM DESENHO ME DISSE. **Desenho: He-man (1983)**. 21 de agosto de 2022. Instagram: @umdesenhomediisse. Disponível em:
<<https://www.instagram.com/p/ChilpPHqv-g/>>. Acesso em: 03 de setembro de 2022.

ⁱ Para efeitos de apresentação e depósito deste artigo como Trabalho de Conclusão de Curso foi eleita uma revista acadêmica para uso das normas.